CRÍTICA GENÉTICA E ROTEIROS DE CINEMA

Carlos Gerbase[1]

Resumo

Este ensaio mostra as diversas fontes que podem ser utilizadas na crítica genética de roteiros de cinema (incluindo não só textos, mas também imagens e vídeos), além de oferecer um breve estudo de caso sobre os arquivos encontrados no computador de um roteirista (que é o próprio autor do ensaio).

Palavras-chave: Crítica Genética. Roteiro. Cinema.

Abstract

This paper shows the several sources that can be used in the genetic critic of scriptwriting (including not only texts, but also images and videos), besides offering a little study of the files found in a scriptwriter's computer (the own author of this rehearsal).

Key-words: Genetic Critic. Scriptwriting. Movies.

A escritura de um roteiro para obra cinematográfica guarda várias semelhanças com a produção literária, mas tem as suas peculiaridades. Em primeiro lugar, o roteiro não é dirigido ao público, e sim a uma equipe técnica e artística que executará o filme e a possíveis investidores. Todos eles precisam ter uma antevisão verbal de uma obra que será audioverbovisual. Essa limitação lingüística pode ser parcialmente sanada com a confecção de um “story-board” (série de desenhos que tentam representar as futuras imagens do filme), mas o roteiro continua sendo um instrumento de trabalho para a realização do filme, e não um texto que se valida intrinsecamente.

Em segundo lugar, o processo colaborativo é muito mais comum no cinema que na literatura. Um mesmo roteiro pode ter várias fases de trabalho (que se

[1] PPGCOM – FAMECOS/PUCRS

chamam “tratamentos”) e passar pelas mãos de diversos profissionais, contratados (geralmente por produtores) para alcançar objetivos específicos. Ou seja, as decisões quanto aos rumos da trama não são sempre autorais.

Finalmente, o roteiro de um filme quase sempre é acompanhado por uma série de outros textos de apoio (descrição de personagens, de cenários, de estratégias narrativas) que o complementam e que, em muitos casos, são muito importantes para a compreensão da futura obra audiovisual.

A crítica genética de um processo de escritura de roteiro cinematográfico deve, portanto, considerar essas características específicas e perguntar:

(1) como um roteiro, que utiliza apenas a matriz verbal, consegue antecipar uma obra que nascerá pela hibridização de três matrizes (sonora, visual e verbal)? Em outras palavras: analisar geneticamente um roteiro é tentar compreender a evolução de suas estratégias narrativas na construção de uma outra obra (o filme), e não os seus méritos propriamente textuais;

(2) qual foi o processo colaborativo e como se deram as relações de autoria e poder entre os roteiristas? Que tipo de objetivo foi traçado em cada fase desse processo?;

(3) que textos (verbais), produzidos pelos roteiristas ou por outros membros da equipe, fazem parte da antevisão do filme?

(4) quais são os outros materiais (não-verbais) produzidos durante o processo?;

(5) considerando-se que o roteiro não passa de um texto a ser transformado em filme e que não consegue carregar sozinho todas as informações importantes, seria importante pesquisar como o <u>diretor</u> (ou <u>roteirista-diretor</u>) se apropria do roteiro, o que acontece através da decupagem e de uma série de outros elementos que podem ser procurados (em muitos casos, em seu computador).

Breve estudo de caso

Como ilustração, listo a seguir todos os arquivos que estão localizados na pasta “Menos que nada” do computador de Carlos Gerbase, que é o autor deste texto e também realizador (roteirista e diretor) do filme de longa-metragem “Menos que nada”, com início de filmagens previsto para 11 de dezembro de 2010.

* Pasta Raiz “Menos que nada”
00 - 2010\ (ver listagem de sub-pastas a seguir)
01 - estudos para roteiro\ (16 arquivos – textos)
02 - dados-pesquisa\ (9 arquivos – textos)
03 - editais\ (15 arquivos – textos)
04 - roteiros\ (32 arquivos textos e 61 arquivos imagens)
05 - trilha\ (10 pastas, cada uma contendo um CD digitalizado e 1 pasta texto)
06 - figuras\ (ver listagem de sub-pastas a seguir)

* Sub-pasta “00 – 2010”
analises tecnicas\ (19 arquivos - planilhas)
cronograma\ (3 arquivos - planilhas)
decupagem\ (1 arquivo - textos)
divulgação\ (5 arquivos – textos e imagens)
elenco\ (6 arquivos – textos e imagens)
ensaios\ (5 arquivos - textos)
estudos roteiro\ (6 arquivos - textos)
locações\ (4 arquivos - texto)
orçamento\ (4 arquivos - planilhas)
produção\ (5 arquivos - textos)
roteiro\ (8 arquivos textos)
tempos\ (1 arquivo - texto)
videos\ (66 arquivos – videos)

* Sub-pasta “06 – Figuras”
barrancas\ (3 arquivos – textos e imagens)

capilha - para brigada\ (2 arquivos – imagens)
divulgacao\ (6 arquivos – imagens)
ensaios porto alegre\ (181 arquivos – imagens)
felipe k\ (27 arquivos – imagens)
fundação zoo e paleontologia pucrs\ (29 arquivos – imagens)
gradiva\ (10 arquivos – imagens)
hpsp\ (74 arquivos – imagens)
imagens locações\ (221 arquivos – imagens)
imagens para primeira leitura\ (arquivos repetidos)
museu jardim botanico\ (12 arquivos - imagens)
museu puc\ (6 arquivos – imagens)
ossos e pontas\ (4 arquivos – imagens)
para projeto\ (6 arquivos – imagens)
pré-história\ (36 arquivos – imagens)
referências nus\ (10 arquivos – imagens)
viagem a rio grande e taim\ (243 arquivos – imagens)

Numa contagem preliminar (realizada no dia 24 de novembro de 2010), podemos notar que existem 1085 arquivos, distribuídos da seguinte maneira:

- 9 arquivos mistos (textos e imagens)
- 10 pastas contendo, cada uma, um CD digitalizado;
- 26 arquivos do tipo planilha;
- 66 arquivos de vídeo;
- 94 arquivos de texto;
- 880 arquivos de imagens.

As origens destes arquivos são variadas, e é na análise da sua procedência que um crítico genético mostrará sua habilidade. Quais deles são relevantes para o estudo específico do roteiro (e da apropriação deste pelo diretor), e quais podem ser descartados? Quais foram criados pelos roteiristas, ou pelos demais componentes da equipe, e quais foram simplesmente copiados de outras fontes

(pesquisas na internet, arquivos enviados por terceiros, etc.)? Que tipos de relações podem ser realizadas entre os arquivos?

É importante notar que, à medida que o filme for evoluindo nos próximos meses, muitos outros arquivos devem surgir, e todos eles serão potencialmente importantes para a análise genética de uma obra cinematográfica. Preservar os arquivos digitais presentes nos HDs dos computadores (ou outros dispositivos, como pen-drives e HDs portáteis) de realizadores cinematográficos parece ser um desafio fundamental para a área da crítica genética.